

Apresentação

Neste terceiro número, publicamos um dossiê que reúne as comunicações apresentadas pelos integrantes do Laboratório Teorias da Cultura em seminário na PUC-Rio, realizado em setembro de 2008. Esse encontro consistiu na apresentação de trabalhos relativos à linha de pesquisa “Diversidade Cultural”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. O *Dossiê Teorias da Cultura* é constituído pelos seguintes textos: “Juventude e empreendedorismo: uma abordagem das novas ‘subjeticidades executivas’”, de Maria Isabel Mendes de Almeida; “Sociabilidade, gênero e emoções num espaço de lazer popular: os cordéis na Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro”, de Sonia Maria Giacomini; e “A música popular e sua crítica no Brasil – a canção crítica e outras canções”, de Santuza Cambraia Naves. Em “Juventude e empreendedorismo”, Maria Isabel Mendes de Almeida analisa o perfil contemporâneo de determinados segmentos juvenis que conciliam, de maneira inusitada, as esferas “trabalho” e “lazer”, tradicionalmente concebidas como antinômicas. Em “Sociabilidade, gênero e emoções num espaço de lazer popular”, Sonia Maria Giacomini apresenta os resultados parciais de sua pesquisa com a literatura de cordel — falada e escrita — na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. E em “A música popular e sua crítica no Brasil”, Santuza Cambraia Naves opera com uma modalidade de canção, que denomina “crítica”, a qual discute textos — ao utilizar citações e procedimentos metalinguísticos — e contextos — ao entrar no debate intelectual do país em termos mais amplos.

Em seguida ao *Dossiê Teorias da Cultura*, contamos com o artigo de José D’Assunção Barros, intitulado “A construção social da cor. Desigualdade escrava e diferença negra no processo de formação e superação do escravismo colonial”. Neste artigo, Barros examina o entrelaçamento das noções de “desigualdade escrava”, “diferença negra” e “africanidade”, que atuaram no processo de formação do sistema escravista colonial no Brasil. No texto seguinte — “Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo” —, Claude Dubar estabelece uma relação entre quatro concepções de “indivíduo” e de “subjeticidade” na tradição sociológica francesa e na teoria da linguagem, em especial as relações presentes entre a linguagem da teoria e a linguagem comum. Rejane Calazans, em “Filhos da lama”, trata da incorporação pelos “mangueboys” de Recife, nos anos 90, das ideias que Josué de Castro desenvolveu em *Homens e caranguejos*, romance que alude à fome nos mangues da cidade. “Desigualdade reexaminada em linha de passe: uma meta-interpretação das desigualdades de oportunidades no Brasil” é o título do trabalho em que Samara Mancebo in-

interpreta a maneira como *Linha de passe*, filme de Walter Sales e Daniela Thomas, de 2008, interpreta uma situação de desigualdade de oportunidade no Brasil, ou, mais especificamente, numa localidade da periferia de São Paulo. E finalmente, em “Educação como instrução: os óbices à profissionalização feminina no Brasil da virada do século XIX para o XX”, Michele Fanini mostra como o sistema educacional brasileiro dificultou o processo de profissionalização das mulheres no período mencionado, na medida em prevaleceram propostas pedagógicas que reiteraram o pressuposto da inferioridade feminina.

Publicamos também a entrevista com o antropólogo Otávio Velho, concedida aos professores Maria Isabel Mendes de Almeida, Santuza Cambraia Naves, Valter Sinder, Tatiana Bacal e Octavio Bonet. Velho refere-se aos impasses colocados aos cientistas sociais no cenário atual, resultantes da atuação dos grupos sociais pesquisados como sujeitos e não mais como passivos objetos de estudo, destituindo o intelectual de sua função de porta-voz. E solicitado a falar sobre as sucessivas descontinuidades em sua trajetória intelectual, Otávio Velho argumenta que o mundo em constante mudança exige a atualização das ferramentas teóricas.

Contamos também, neste terceiro número, com duas resenhas de livros recentemente publicados: *Jurgen Habermas: filósofo do direito* (Rio de Janeiro: Renovar, 2008, 254 pp.), de Antonio Cavalcanti Maia (professor do Departamento de Direito da PUC-Rio); e *A carta da democracia: o processo constituinte da ordem pública de 1988* (Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2008), de Júlio Aurélio Vianna Lopes (cientista político e pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa). Ronaldo Castro, autor da primeira resenha, chama a atenção, entre outros pontos ressaltados no livro, para o intuito de Antonio Maia de mostrar a atualidade do pensamento teórico de Habermas — inclusive no sentido de pensar a sociedade brasileira —, na medida em que as ideias do autor alemão se conectam “com o debate público contemporâneo”, como a “questão dos direitos humanos” e o “pluralismo das sociedades contemporâneas”. Ricardo Ismael faz a resenha do livro de Júlio Aurélio Vianna Lopes, cujo prefácio foi escrito por Bernardo Cabral, relator geral da Assembleia Nacional Constituinte. Segundo Ricardo Ismael, o texto procura revelar os bastidores do processo constituinte, da convocação até o momento final da sua promulgação, consagrado pelo gestual e pela retórica do deputado Ulysses Guimarães (PMDB/SP), além de especular sobre os consensos políticos em que se apoiou a Carta de 1988, identificados pelo autor na análise sistemática dos anais da dinâmica congressional do período.

Angela Randolpho Paiva
Ricardo Ismael
Santuza Cambraia Naves
Editores